



A construção de uma ecovila como processo educador: um olhar para as ecopedagogias

Lorena Gebara Benetton¹
IEE/USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6089-9984>

Marcos Sorrentino²
IEE/USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7283-4720>

Denise de La Corte Bacci³
IGC/USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0097-7140>

Isabela Kojin Peres⁴
CENA/USP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9923-5760>

Resumo: Com objetivo de colaborar com a produção de conhecimentos vivenciados na construção de uma ecovila, analisou-se como as práticas ecopedagógicas podem desenvolver uma comunidade que busca ser sustentável em um município em área de preservação de mananciais e remanescentes da Mata Atlântica. A abordagem qualitativa da pesquisa-ação, permitiu que a metodologia participativa fosse parte do processo de reflexão, análise e intervenção coletiva na busca de soluções para problemas reais. A partir do olhar sistêmico das ecopedagogias, identificou-se três categorias analíticas pós-interpretativas: o pertencimento, a coletividade e a participação. Os dados, resultantes do estudo de caso em triangulação com a revisão bibliográfica, discutiram caminhos participativos, emancipatórios e contínuos na promoção de espaços educadores como catalisadores de novos modelos de desenvolvimento sustentável local, em articulação com movimentos globais para a transição em direção a sociedades sustentáveis.

Palavras-chave: Comunidades Sustentáveis, Ecopedagogias, Sustentabilidade.

La construcción de una ecoaldea como proceso educativo: una mirada a las ecopedagogías

¹ Bióloga de Campo, Educadora Ambiental e Mestre em Ciências Ambientais IEE/USP. E-mail: lorena.gebara@gmail.com

² Prof. Doutor do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais IEE/USP. E-mail: macsor@usp.br

³ Prof. Doutora do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo IGC/USP. E-mail: bacci@usp.br

⁴ Gestora Ambiental e Dra. em Ciências no Centro de Energia Nuclear na Agricultura ESALQ/USP. E-mail: ikperes@yahoo.com.br

Resumen: Con el objetivo de colaborar con la producción de conocimiento experimentado en la construcción de una ecoaldeia, analizamos cómo las prácticas ecopedagógicas pueden desarrollar una comunidad que busca ser sostenible en un municipio en una zona donde se encuentran fuentes de agua y remanentes de la Mata Atlántica. en conserva. El enfoque cualitativo de la investigación acción permitió que la metodología participativa sea parte del proceso de reflexión, análisis e intervención colectiva en la búsqueda de soluciones a problemas reales. Desde la perspectiva sistémica de las ecopedagogías, se identificaron tres categorías analíticas postinterpretativas: pertenencia, colectividad y participación. Los datos, resultantes del estudio de caso en triangulación con la revisión bibliográfica, discutieron caminos participativos, emancipadores y continuos en la promoción de espacios educativos como catalizadores de nuevos modelos de desarrollo sostenible local, en conjunto con movimientos globales para la transición hacia sociedades sostenibles.

Palabras clave: Comunidades Sostenibles, Ecopedagogías, Sostenibilidad.

The construction of an ecovillage as an educational process: a look at ecopedagogies

Abstract: With the aim of collaborating with the production of knowledge experienced in the construction of an ecovillage, we analyzed how ecopedagogical practices can develop a community that seeks to be sustainable in a municipality in an area of preservation of springs and remnants of the Atlantic Forest. The qualitative approach of action research allowed the participatory methodology to be part of the process of reflection, analysis and collective intervention in the search for solutions to real problems. From the systemic perspective of ecopedagogies, three post-interpretative analytical categories were identified: belonging, collectivity and participation. The data, resulting from the case study in triangulation with the bibliographic review, discussed participatory, emancipatory and continuous paths in the promotion of educational spaces as catalysts for new models of local sustainable development, in articulation with global movements for the transition towards sustainable societies.

Keywords: Sustainable Communities, Ecopedagogies, Sustainability.

Introdução

O termo "sustentável" tem em sua origem direta ou indireta na constatação da insustentabilidade do modelo de exploração, produção e acumulação das sociedades modernas (Diegues, 2003). Por meio dessa premissa, se reconhece o fundamental papel da educação na mudança de ciclos históricos em uma "perspectiva de transição para sociedades mais sustentáveis, na essencialidade de questionar velhos paradigmas para que o novo possa emergir e se consolidar" (Trovarelli, *et. al*, 2021, p.54).

Para além das diferenciações conceituais se ressalta a exigência de se romper com o obsoleto, de forma a transitar pelos avanços estabelecidos para então transformar em novos caminhos voltados ao bem estar coletivo (Battaini; Sorrentino, 2020). Um educar para a sustentabilidade como renovação pedagógica cujo objetivo é proporcionar reflexões a partir

da vivência local na sensibilização dos participantes ao "promover a aprendizagem através de processos educacionais do cotidiano" (Gadotti, 2008, p. 84).

A ideia de sustentabilidade vem funcionando como um grande "guarda-chuva" para se discutir os problemas socioecológicos contemporâneos. No entanto, há uma enorme dificuldade em transformar os discursos existentes em práticas coerentes - o que se deve, em boa parte, ao fato de que a própria noção de sustentabilidade encontra-se largamente apropriada pelo capitalismo, um sistema inerentemente insustentável, na medida em que pressupõe crescimento econômico contínuo para garantir suas taxas de lucro (Dias *et al.*, 2017, p. 81).

A sustentabilidade, como princípio em transformação, se apresenta como um processo e não um resultado final, não cabendo uma única definição em sua diversidade, mas um conjunto de multidimensões correlatas (Simas, 2013). Uma análise que acena para a necessidade de se pensar "na diversidade de sociedades sustentáveis em formação, voltadas para um desenvolvimento harmonioso das pessoas e de suas relações com o conjunto do mundo natural regido pelas leis biofísicas" (Dias *et al.*, 2017, p. 84).

O sentido de diversidade é complementado pela lente da cidadania planetária, em que se "ultrapassa a dimensão ambiental e implica em compreender que a Terra é nossa casa comum: um organismo vivo e interdependente" (Gadotti, 2008, p. 33). Entendida em sua profundidade enquanto formuladora de novos princípios para uma sociedade em transição, a ecopedagogia unifica o conhecimento tradicional local aos avanços técnico-científicos, em uma educação de base crítica e inovadora (Guitierrez; Prado, 2000)

Quando se fala de transição fica forte a necessidade e mudança na matriz energética e nas tecnologias, importantes, porém insuficientes, pois a transição exige processos educadores ambientalistas capazes de fomentar mudanças culturais que influenciem nas diversas áreas do existir; que formem sujeitos comprometidos com o bem comum e que atuem em distintas dimensões e temáticas na construção de "novos mundos possíveis" (Battaini; Sorrentino, 2020, p. 52, grifos dos autores).

O "conceito transversal e interdisciplinar da sustentabilidade abrange as diversas dimensões humanas", em que se assume a interdependência do ser humano com o ambiente, pela construção de novos valores e práticas que fomentem os caminhos para a transição societária (Raynaut, 2011, p. 84). Pelo princípio da complexidade que abarca esse estudo, a sustentabilidade compõe dimensões objetivas e subjetivas em um equilíbrio

dinâmico entre grandezas econômicas, políticas, territoriais, sociais, culturais, ecológicas, espirituais e éticas.

O debate entorno da sustentabilidade deve compor os múltiplos conhecimentos indo além das questões ambientais, ao agregar valores do regionalismo cultural, da cidadania na construção de espaços participativos e outras subjetividades constituídas pela interação dos diversos atores (Raymundo *et al.*, 2015). Pelo ângulo de experiências comunitárias se afirma o "construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza" (Acosta, 2016, p. 25).

Ecovilas como modelos para a transição societária

Diante as crescentes preocupações da atual crise socioambiental, surgem perspectivas de análise e intervenção capazes de promover alternativas societárias que qualifiquem o debate da sustentabilidade nos espaços formais e informais. Como proposta de construção de caminhos delimitados pelo primordial "sentido de promover o pleno desenvolvimento sustentável dos povos e das comunidades de modo a preservar o meio ambiente equilibrado para as presentes e futuras gerações" (Matarezi, 2005, p. 162).

Nesse sentido, Ecovilas tem se tornado referência desse modelo de desenvolvimento pela singularidade e potencialidade dos processos endógenos travadas na correlação de cada território. Consideradas como modelos sociais para a sustentabilidade, se destacam por suas práticas locais em articulação com movimentos globais, ganhando credibilidade ao serem incorporadas ao *Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis (SCDP)* das Nações Unidas (Roysen *et al.*, 2021).

As ecovilas são laboratórios de inovações e tecnologias sociais para a sustentabilidade, adaptáveis a cada contexto territorial, desenvolvidas e testadas na microescala das comunidades. Com isso, abre-se um leque de novas possibilidades que podem ser apropriadas pelo debate mais amplo sobre a construção de futuros mais sustentáveis (Roysen *et al.*, 2021 p. 11).

Advindas dos movimentos ambientalistas e de contracultura de 1960 "as ecovilas são comunidades intencionais e sustentáveis provenientes de uma reação ao sistema constituído, que o grupo idealizador se reúne de maneira intencional" para praticar valores

cooperativos, solidários e educadores (Belleze *et al.*, 2017, p. 228). Embriões sociais, às narrativas geradas nas comunidades podem apontar caminhos na melhoria da qualidade socioambiental, ao criarem um ambiente saudável para morar, trabalhar e prosperar (Morais; Donaire, 2019).

Aspectos inovadores vêm se consolidando por meio da intencionalidade da criação de comunidades "vistas como experimentos sociais de um futuro sustentável", ou ainda, "como experimentos colaborativos em prol de uma mudança sociocultural para novas sociedades" (Kunze, 2012, p. 51). As comunidades sustentáveis propõem outros modos de desenvolvimento onde o crescimento econômico dá lugar ao cuidado e respeito a vida, numa economia local de baixo impacto de territórios resilientes e biodiversos (Belleze *et al.*, 2017).

A construção de comunidades e sociedades sustentáveis deve partir da reafirmação de seus elementos culturais e históricos, do desenvolvimento de novas solidariedades, do respeito à natureza não pela mercantilização da biodiversidade, mas pelo fato que a criação ou manutenção de uma relação mais harmoniosa entre sociedade e natureza serem um dos fundamentos das sociedades sustentáveis (Diegues, 2003, p. 23).

Construções sociais aprimoradas, se "configuram como instrumentos de superação das desigualdades, ao buscarem soluções autogestionadas" pela produção de tecnologias sociais, de alimentos agroecológicos, oferta de produtos e serviços de cadeias sustentáveis por processos regenerativos (Kunze, 2012, p. 132). As comunidades passam a ser educadoras ao constituírem espaços intencionados pela participação local na promoção de atitudes e atividades que fortaleçam o despertar da consciência ambiental (Trovarelli *et al.*, 2021).

Reconhecidas como centros de vivência enquanto laboratórios vivos, promovem uma educação pela práxis comunitária, ao resgatar valores tradicionais em complementação a tecnologias inovadoras, ao fomentar métodos e estruturas educadoras através de processos cíclicos, contínuos e perenes (Dias *et al.*, 2017). No exercício cotidiano desse diverso modelo, Simas (2013, p. 134) enfatiza que "a reconstrução de comunidades é um projeto estratégico diante da necessidade de reinvenção de novos modos de habitar o mundo".

Pessoas e coletivos comprometidos com o cuidado com a terra, com o cuidar das sementes, o fazer com as próprias mãos e ser o mais autônomo possível na sua

sobrevivência. Isso implica questionar e reduzir o consumismo, produzir e/ ou preparar os próprios alimentos, diminuir o uso de combustíveis fósseis, entre outros comportamentos, atitudes e valores unidos pelo objetivo de questionar as necessidades materiais simbólicas, reconhecendo o compartilhar um mesmo Planeta (Battaini; Sorrentino, 2020).

Incluir as experiências de ecovilas no repertório de uso e ocupação do solo em área rural e periurbana é uma garantia a plena função social da propriedade, do direito ao ambiente ecologicamente equilibrado, de cidades e comunidade sustentáveis (Roysen *et al.*, 2021). Os relatos fazem parte do significativo avanço no campo científico e político pelos esforços de “pesquisadores acadêmicos que divulgam conhecimentos e práticas gerados pelas ecovilas por meio da publicação de seus trabalhos” (Roysen; Mertens, 2017, p. 106).

Neste sentido, a ecopedagogia tem muito a contribuir no desenvolvimento de novas vias, ao promover a educação transdisciplinar na formação de cidadãos de atuação local e consciência planetária (Gadotti, 2010). Uma pedagogia que possibilita a construção de espaços educadores, pela valorização do “território comunitário que constrói as identidades, criando sinergias para que a educação ambiental e as multidimensões da sustentabilidade promovam processos formativos” (Trajber; Sato, 2010, p. 71).

Uma nova pedagogia dos direitos que associa direitos humanos – econômicos, culturais, políticos e ambientais - e direitos planetários, impulsionando o resgate da cultura e da sabedoria popular. Ela desenvolve a capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do mundo e a vinculação amorosa com a Terra (Gadotti, 2010, p. 63).

Fundamentada na pedagogia freiriana, a ecopedagogia compreende uma nova maneira de ser e estar no mundo, "um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido em cada momento e em cada ato, que intenciona a prática como cotidiano pedagógico" (Guitierrez; Prado, 2000, p. 62). Um movimento social, político e pedagógico, que se baseia no princípio da interdependência da vida na Terra e pela terra, em um educar e apreender pela convivência intencionada das trocas de saberes (Benetton, 2024).

A busca por soluções societárias define essa pesquisa-ação com objetivo de colaborar para a produção de conhecimentos sobre processos educadores vivenciados na construção de uma ecovila localizada no município de Embu-Guaçu, integralmente Área de Proteção e Recuperação de Mananciais da Bacia da Guarapiranga. Em tese, um território protegido por

leis estaduais e federais, que compõem a Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e outras sobreposições de restritivas, na garantia de um desenvolvimento sustentável (IBEGE, 2020).

Caminhos metodológicos

A escolha metodológica se deu como ferramenta de empoderamento coletivo, em um método científico produzido de forma empírica, dinâmica e participativa como intervenção coletiva no exercício pedagógico de transformação da realidade. A modalidade voltada para a ação reforça o papel formativo do pesquisador-participante como facilitador da mudança, ao direcionar as práticas como potencial solução ao problema investigado.

A pesquisa-ação ofereceu bases para análises conjuntas, ampliando a produção e o compartilhamento de conhecimentos entre "teoria e a prática, possibilitando ao pesquisador intervir na organização pela própria prática da pesquisa, que busca solucionar um problema, a partir do conhecimento produzido" (Thiollent; Generosa, 2007, p. 16). O estudo de caso retratou a vivência comunitária por um olhar ecopedagógico, onde o indivíduo se transforma pela experiência coletiva ao mesmo tempo em que transforma sua realidade.

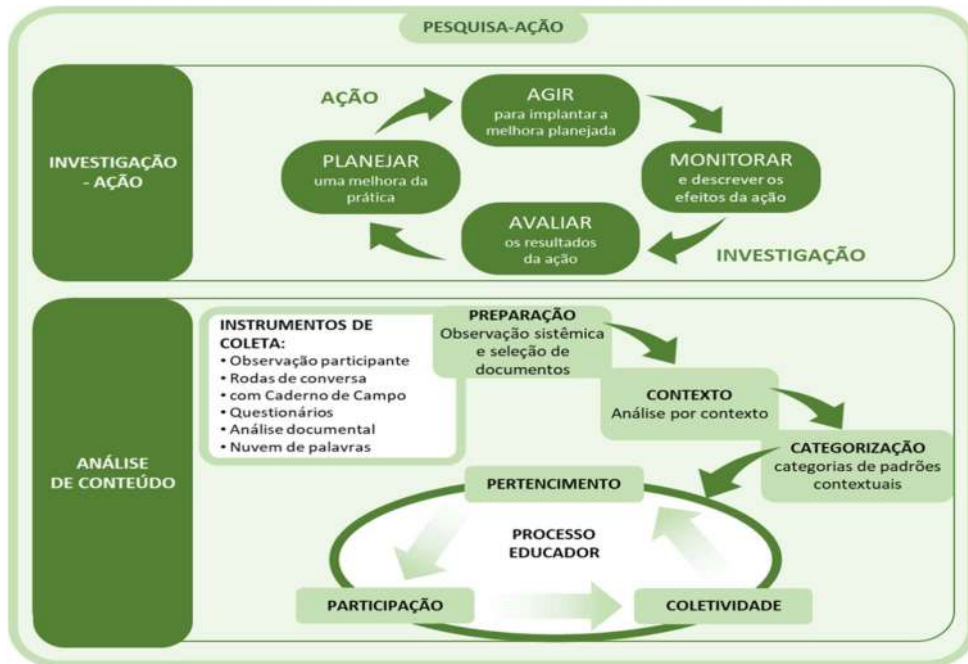
A pesquisa-ação que tem como ponto de partida a articulação entre a produção de conhecimentos para a conscientização dos sujeitos e solução de problemas socialmente significativos ainda, uma modalidade alternativa de pesquisa qualitativa que coloca a ciência a serviço da emancipação social, trazendo alguns desafios: o de pesquisar e o de participar, o de investigar e educar, realizando também a articulação entre teoria e prática (Reis, 2005, p. 272).

Realizou-se um estudo de abordagem qualitativa, rica em dados descritivos para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, onde os fatos são uma análise do contexto local. Nessa abordagem considera-se uma relação orgânica entre "o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, na qual a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados não podem ser traduzidos em uma visão positivista", mas como parte integrante das dimensões que compõem o método de coleta e análise do estudo (Gil, 2008, p. 14).

A interatividade define a característica primordial da pesquisa-ação, conduzida pelo

processo participativo de diagnosticar, agir e refletir criticamente em uma análise contínua dos fatos (Figura I). Uma investigação dos processos educadores vivenciados na construção de uma ecovila, que buscou apontar caminhos para o fortalecimento de comunidades e de movimentos comprometidos com a transição para sociedades sustentáveis diversas.

Figura I: Representação do processo metodológico



Fonte: Benetton (2024).

Com base na fundamentação da literatura, analisou-se o conteúdo pelas categorias pós-interpretativas de pertencimento, participação e coletividade em suas relações com as dimensões de sustentabilidade. A triangulação de dados validou os procedimentos discutidos e a categorização ajudou a identificar as práticas como parte do processo de desenvolvimento comunitário a partir da elaboração, implementação, coleta e exame das atividades descritas.

As técnicas de coleta se deram pela observação participante na vivência na comunidade, com registro em caderno de campo, a análise documental como contextualização do fenômeno, a nuvem de palavras na conceituação das categorias analíticas, as rodas de conversa como círculos de cultura, os questionários dos participantes na análise das atividades, dos membros e moradores da comunidade.

Resultados e discussões

Os dados geraram análises dedutiva das práticas, a partir do exame dos materiais textuais ou não textuais, pelas interpretações objetivas das atividades, percepções subjetivas dos participantes e dos conceitos revisitados na literatura teve se a elaboração das categorias analíticas (Tabela I). A coleta multiprocessual caracterizou-se por um material descritivo rico no detalhamento de situações e pessoas por meio de fotografias, figuras e documentos ilustrando a realidade vivencial em um procedimento investigativo e reflexivo.

Foram realizadas 22 atividades ecopedagógicas guiadas, em 26 meses de coleta entre 2021 e 2024, com no mínimo 1 atividade guiada por mês e um mutirão como prática organizacional interna. A estimativa de recebimento se manteve entre oito e dez participantes mensais, mediante as preocupações sanitárias que oscilaram em um cenário pandêmico e pela aplicação metodológica, a depender da temática da frente de trabalho a ser desenvolvida.

As atividades ecopedagógicas ocorreram de forma presencial através da vivências (mutirões, cursos e imersões) e online por meio de encontros virtuais como lives (rodas de conversa), oficinas (editais públicos), reuniões semanais (dinâmicas comunitárias). Estas foram elaboradas em reuniões deliberativas mensais e convocadas pelas redes sociais como o *WhatsApp*, com cerca de 200 participantes ativos, pelas páginas da *@ecovilasustentar* com mais de 13 mil seguidores e pelo site oficial *www.ecovilasustentar.eco*.

- a) realizadas 14 presenciais e 5 atividades *online* para o público de diferentes faixas etária com observação participante em anotações no caderno de campo;
- b) fomentados 5 círculos de cultura com 4 rodas de conversa, sendo selecionadas uma transcrição para complementar as fotos ilustrativas e ao caderno de campo;
- c) coletados 130 respostas do questionário para todos os participantes de atividades *online* e presencial, mais 19 respostas do questionário de membros e moradores;
- d) analisou-se o Regimento Interno como esforço de elaboração coletiva de autogestão e organização interna para o desenvolvimento comunitário;

e) complementando a categorização analítica, a dinâmica de nuvem de palavras para membros e moradores, como parte da análise de conteúdo.

Tabela I: Síntese do referencial de contexto conceitual das categorias.

Categorias	Aspectos conceituais	Característica das atividades	Prazo e frequência	Atividades realizadas com maior participação na categoria
Participação	Relacionado à ação, ao fazer; à presença em atividades; aos campos técnico-econômico, tecnológico e material dos espaços ecopedagógicos. Dimensão econômica, político/territorial	Atividades de caráter técnico, sistemático, objetivo, relacionado a oficinas.	Curto prazo, caráter pontual	Participações pontuais na ecovila; visitas; hospedagens curtas, oficinas pontuais nos 7 campos de atuação da permacultura* (manufatura de alimentos, cosméticos naturais, produtos de mel, técnicas em horta, jardinagem, agrofloresta, bananal, bambuzal, artesanatos, bioconstrução, tecnologias sustentáveis); práticas sustentáveis pontuais (economia de água e energia, manejo de resíduos, consumo consciente, transporte sustentável, educação, hábitos alimentares, turismo ecológico etc.)
Coletividade	Relacionado ao ser social, ao pensar; ao grupo, à associação, instituição; às estruturas organizacionais e redes de colaboração; articulação, rede. Dimensões social/comunitária	Atividades de caráter reflexivo, sistêmico, relacionado a planejamento e gestão, a articulação de rede socioambiental.	Médios-longos prazos; frequência baixa a média	Atividades de planejamento e gestão do coletivo, elaboração de projetos e eventos (festivals), elaboração de documentos institucionais; articulação de redes comunitárias, práticas nos 7 campos de atuação da permacultura* (mutirões em horta, jardinagem, agrofloresta, bananal, bambuzal, bioconstrução, tecnologias sustentáveis); cuidado dos espaços coletivos; compras coletivas de alimentos; motivação a alimentação comunitária (ritualização de gratidão); compartilhamento de recursos materiais, conhecimentos; organização de processos das práticas sustentáveis.
Pertencimento	Relacionado ao Ser singular, ao Sentir; remete aos campos subjetivos de valores, medos e aspirações, ao universo da Ecologia profunda, às crenças numa origem comum que une, ao autoconhecimento, a subjetividade como fonte de conhecimento, às essências que promovem o enraizamento no território; continuidade, permanência. Dimensões de cultura, espiritualidade, ecológica/ambiental	Atividades de caráter subjetivo, emocional, sentimental, espiritual, ecocultural, ambiental, relacionadas às vivências, experiências de convívio comunitário, a ritos afetivos.	Longo prazo, frequência alta.	Projetos com alinhamento de valores e propósitos. Convívio diário de longo prazo na ecovila. Vivências e imersões multitemáticas nos 7 campos de atuação da permacultura* (em horta, jardinagem, agrofloresta, bananal, bambuzal, bioconstrução, tecnologias sustentáveis, danças, música, arte-educação, meditação e yoga, ritos culturais, rodas de partilhas na fogueira; sagrados feminino e masculino, banho de lama, cultivo de horta e agrofloresta, programas de voluntariado e moradia temporária; vínculos mais profundos com parceiros, vizinhança e território; cuidados contínuos dos animais; vivência diária nas práticas sustentáveis

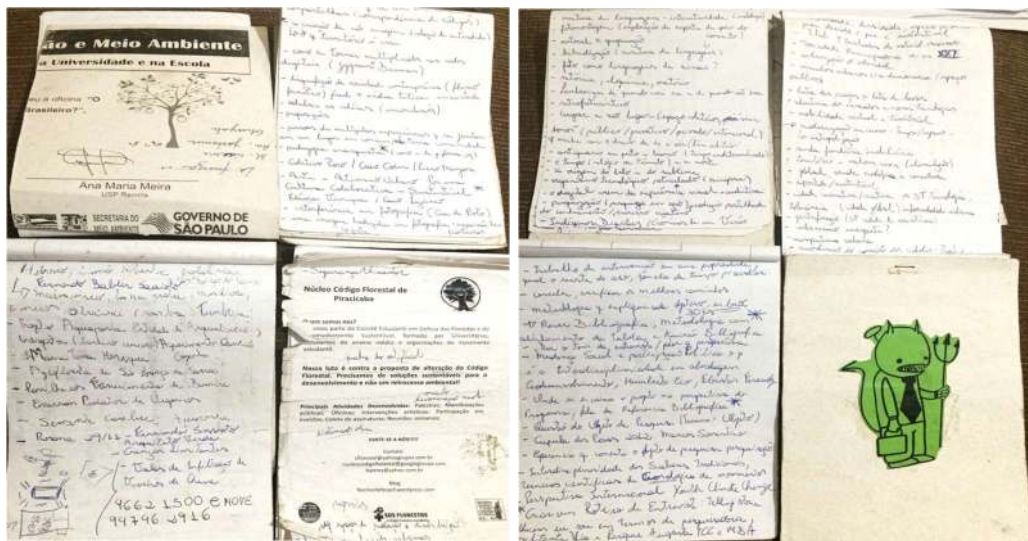
Fonte: Benetton (2024).

a) Observação Participante com Caderno de Campo

O caderno de campo (Figura II) possibilitou anotações contínuas pela observação

participante das práticas que sustentavam o desenvolvimento comunitário, a exemplo de atividades rotineiras como os manejos agroecológicos, reuniões da gestão e organização para recebimento dos participantes. As ações locais também foram relatadas em alinhamento com o propósito de ecovila como mutirões em comunidades da rede, articulação com secretarias do município e com vizinhos do entorno pela preservação das áreas de mananciais.

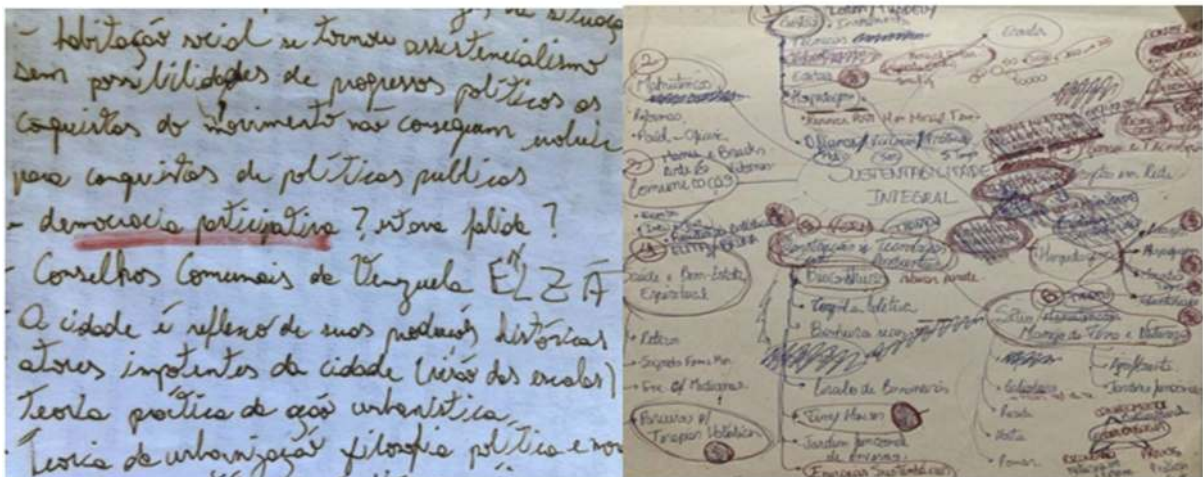
Figura II: Acervo com coletas diárias pelo caderno de campo.



Fonte: Benetton (2024).

O caderno teve significativa importância nas observações em campo, ao sistematizar no decorrer de tempo o processo educador pelas categorias multidimensionais, em uma interpretação objetiva e subjetiva da sustentabilidade. O registro (Figura III) crítico do terreno que busca se manter rural em conflito com a pressão urbana de um município periférico da grande São Paulo, se ilustra sensível ao observar a insustentabilidade do entorno, mesmo em uma área de preservação de nascentes e remanescentes da Mata Atlântica.

Figura II: Foto do caderno de campo sobre identidade e governança da ecovila



Fonte: Benetton (2024).

A partir do mapeamento das práticas em triangulação ao caderno de campo com a revisão bibliográfica, surge a síntese pós interpretativa das categorias, apresentada na tabela I. Um dos resultados discutidos como inerente da pesquisa-ação é a colaboração dos envolvidos em um desafio de pesquisar e participar como moradora da comunidade. A relação de *insider* pode significar uma riqueza de detalhes, principalmente como observador participante, mas também um enviesamento pela imersão no contexto em estudo.

b) Rodas de Conversa como Círculos de Cultura

Na roda de conversa, como proposta inerente à dinâmica dos círculos de cultura (Figura IV), buscou-se coletar informações advindas da fala e da memória coletiva, para reconhecer as categorias nos conteúdos pré selecionados. Os espaços de diálogos tiveram crucial importância no levantamento dos dados subjetivos e na percepção que conversas orientadas por um roteiro ecopedagógico que validavam os conhecimentos propostos pelas práticas em um aprendizado dado pela imersão em comunidade.

Figura IV: Foto do encontro de planejamento participativo para formação de ecovila



Fonte: Benetton (2024).

Nesses espaços de diálogo, foi possível analisar a integração coletiva na produção e socialização dos saberes como instrumento formativo, no planejamento das ações locais e dos processos avaliativos das atividades elaboradas. Diálogos integrativos (Figura V), proporcionados pela geometria circular, garantiram uma horizontalidade fluida e mais intimista, produzindo dados de interpretação do contexto vivencial em um processo mediado no qual a pesquisadora se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa.

Figura V: Transcrição do relato no círculo de cultura Participante 1

A 1) Me sinto bem satisfeitos com a experiência e era mesmo isso que estávamos buscando. Acho q por vários motivos e vários caminhos que nos trazem aqui. Acho um pouco valido falar disso, dessa chegada, que é um pouco de se encontrar um pouco também como ideias, como pensamento, porque lá na ilha apesar de viver em um lugar de muita Natureza e desfrutar bastante disso, nosso circulo social acaba sendo um pouco menor por conta de muito pensamento divergente, coisas que não fazem sentido pra gente, que em um ambiente como aqui já traz todo um sentido de pertencer. Além disso é buscar uma forma de auto-suficiência...

Fonte: Elaborada pela autora, 2024.

As práticas comunicativas fomentaram os princípios da participação para um pertencimento coletivo, sendo parte do exercício dinâmico da vivencia comunitária pelo semear de ideias que unificaram atividades presenciais e *online*. Junto ao arcabouço teórico, categorizou-se as expressões mais representativas como o pertencimento,

espontaneamente relatado como liga fundamental à participação na mobilização para objetivos em comum.

c) Questionário

A ficha de coleta do questionário foi do tipo autopreenchida, acessada virtualmente pelo *Google Forms* e respondida pelos participantes que passaram pelas perguntas filtros e aceitaram responder voluntariamente. Os *links* foram enviados via e-mail, redes sociais, sites ou *WhatsApp* para mais de 200 participantes das atividades, sendo que 132 acessaram e 110 responderam (Tabela II) até o final. Um segundo questionário foi enviado para os 20 membros e moradores da comunidade com 19 respostas (Figuras 6 a 9), totalizando 148 pesquisados.

Tabela II: Dados destacados do questionário sobre atividades ecopedagógicas.

Pergunta:	Muito	Mais ou menos	Pouco	Quase nada	Nada
Durante a pandemia você se sentiu provocado(a) a pensar em modos de vida mais conectados com a Natureza?	82,3%	13,3%	2,7%	0,9%	0,9%
Você costuma participar de ações voltadas para a melhoria do meio ambiente?	32,7%	46,9%	12,4%	6,2%	1,8%
Você sente dificuldade em praticar ações sustentáveis no seu dia a dia?	19,5%	49,6%	16,8%	8,8%	5,3%
Após ter participado de atividades ecopedagógicas, se sentiu estimulado(a) a implementar práticas sustentáveis?	81,4%	15,9%	1,8%	-	0,9%
Após sua participação nas atividades ecopedagógicas você se sentiu como parte integrante da natureza?	84,1%	15,9%	0%	0%	0%
Após as atividades ecopedagógicas você considera que suas ações podem contribuir para uma sociedade mais sustentável?	77,9%	18,6%	1,8%	1,8%	-
Com que frequência você participou de atividades junto ao coletivo Sustentabilidade Integral?	22,4%	32,7%	42,9%	18,4%	6,1%
Após as atividades ecopedagógicas, você se sentiu motivado(a) a pensar sobre seu impacto na natureza?	88,5%	9,7%	0,9%	-	0,9%

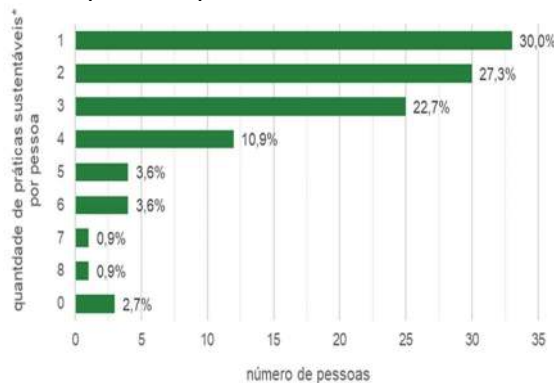
Fonte: Benetton (2024).

O primeiro questionário (Figuras VI e VII) com 129 respondentes, sobre as atividades, mostra que 82,3% das pessoas sentiram-se provocadas a pensar em outros modos de vida mais saudáveis, física e relacionalmente. Percebeu-se uma associação ao período pandêmico, que de certo modo amplificou essa percepção da insustentabilidade nas cidades e motivou a busca por experiências na natureza, na busca de áreas verdes com melhor qualidade de ar, espaços sombreados com temperaturas mais amenas e arejados.

Os dados apontaram ainda que há demandas por ampliação e territorialização de ações participativas de educação que ampliem os sentidos de coletividade e pertencimento, em relação ao meio ambiente. Observa-se que são numericamente poucas as práticas conhecidas do público, recaindo sobre as mais recorrentes na mídia como coleta seletiva e medidas pontuais de consumo consciente, em detrimento a outras, como compostagem, cuidado de áreas verdes, turismo de base comunitária para sensibilização do entorno e até comunidade sustentáveis como soluções ambientais.

De modo geral, destacam-se os seguintes aspectos: 1) ~70% das pessoas reconheceram uma dificuldade considerável de praticar ações sustentáveis no cotidiano; 2) ~80% disseram não praticar muitas ações voltadas à melhoria do meio ambiente; 3) ~83% das pessoas realizam até três práticas ou nenhuma; 4) A quase totalidade das pessoas afirmaram que, após ter participado das atividades na ecovila, sentiram-se mais estimuladas a realizar práticas mais integradas a natureza e mais abertas à contribuir com o meio ambiente.

Figura VI: Quais práticas sustentáveis as pessoas praticam no dia a dia.



Fonte: Benetton (2024).

Figura VII: Quantas atividades ecopedagógicas praticam no dia a dia.



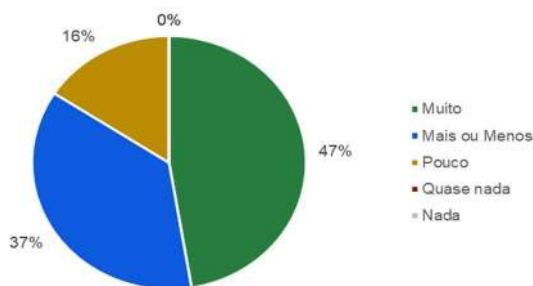
Fonte: Benetton (2024).

Respostas e trechos dos questionários 1 e 2 foram selecionadas para discussões em blocos, levantando as questões relevantes à contribuição das atividades para a sensibilização e atuação no território. Entre as pessoas que responderam o questionário 2, houve a participação de diferentes grupos ao longo do tempo. As práticas constituíram-se de estudos de acordos, procedimentos, papéis e atividades de planejamento, gestão e operação do

projeto da ecovila, pertinentes a participantes, membros ou moradores.

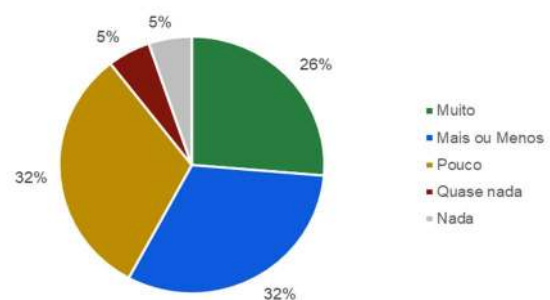
As figuras VII ao X representam percepção dos membros e moradores em relação ao pertencimento, participação e coletividade no desenvolvimento comunitário. Numa avaliação integrativa, observa-se que 53% demonstram sentimento de pertencimento comunitário de “mais ou menos a pouco”, apenas 26% afirmaram ter “muita” participação em gestão e 58% demonstram um senso de coletividade “mais ou menos”.

Figura VII: Quanto sente pertencendo às esferas de planejamento. comunitário?



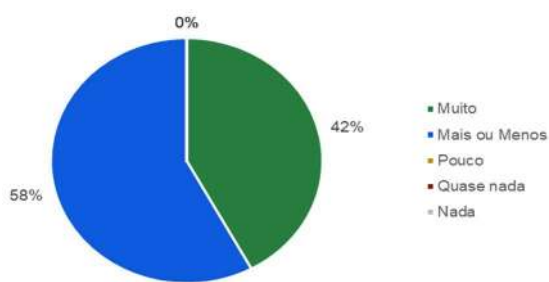
Fonte: Benetton (2024).

Figura VIII: Qual sua participação nas atividades da gestão comunitária?



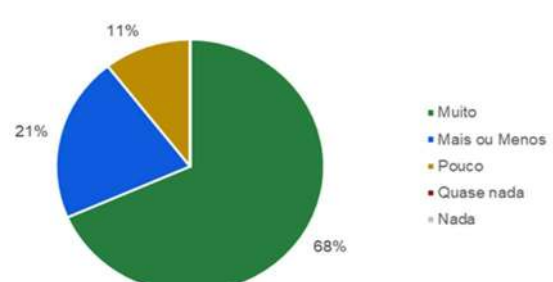
Fonte: Benetton (2024).

Figura IX: Quanto sente a comunidade está sendo desenvolvida coletivamente?



Fonte: Benetton (2024).

Figura X: Quanto considera as dimensões da sustentabilidade são valores da ecovila?



Fonte: Benetton (2024).

Tais dados podem apontar para um desequilíbrio entre as percepções das categorias, o que leva a refletir situações de dissonância na gestão comunitária como a saída de parte dos membros ou falta de alinhamento identitário e na participação das atividades. Cabe, assim, o aprimoramento dos processos educadores que elevem a compreensão e os sentimentos de participação, coletividade e pertencimento, em relação ao meio ambiente,


ao grupo e ao projeto de ecovila em um movimento sinérgico.

Quanto à percepção da sustentabilidade como valores da ecovila, verificou-se que 68% considera muito importante, mas os dados também revelam que há um caminho de melhorias a percorrer, como maior aprofundamento conceitual para o público, interligado as práticas, bem como uma maior assertividade avaliativa que garanta um monitoramento detalhado. Dessa forma, vale aprofundar no desenvolvimento de um conjunto de indicadores associado a cada categoria, de modo a formular índices de avaliação contínuos.

d) Análise documental

Dos documentos mais representativos, buscou-se ilustrar a construção da ecovila pela análise do regimento interno (Figura XI) que evidencia as categorias como elementos fundantes da comunidade. Devido a complexidades socioculturais, escolheu-se aprofundar o olhar para a gestão interna em detrimento da análise territorial, valorizando elementos subjetivos apontados no caderno de campo como regramentos de convívio, uso e ocupação do terreno e princípios para a governança na formação da identidade do coletivo.

Figura XI: Documento colaborativo das primeiras páginas do regimento interno da Ecovila



REGIMENTO INTERNO SusTentar

O Regimento Interno do Projeto Ecovila Sustentar em Embu-Guaçu/SP, foi criado com o objetivo de ordenar harmoniosamente as instâncias e as relações entre os moradores e destes com a própria Ecovila.

Este Regimento não deve dificultar relações e para tanto deve ser revisito e melhorado/aperfeiçoado sempre que necessário. Cada TEMA, será abordado em CLÁUSULAS do Regimento Interno, que por sua vez serão apresentados em três tópicos: 1) Objetivo, para clarear as motivações e orientar revisões futuras; 2) Referência que liga o item ao Estatuto, quando existente; 3) texto decidido entre os Associados, contendo a diretriz orientadora que deverá ser observada por todos.

1. CLÁUSULA PRIMEIRA: Sobre o Manifesto de Existência..... 2

1.1. Princípio da comunidade sustentável..... 2

1.2. Princípio do compartilhamento em rede..... 2

2. CLÁUSULA SEGUNDA: Sobre a constituição da comunidade..... 2

2.1. Nossa Missão..... 3

2.2. Nossa Visão..... 3

2.3. Nossos Valores..... 3

2.4. Da autogestão..... 3

2.5. Dos papéis na autogestão..... 3

2.5.1. Morador@..... 3

2.5.2. Guardião@..... 4

2.5.3. Zelador@..... 4

2.5.4. Parceir@..... 4

2.5.5. Voluntário@..... 4

2.6. Dos espaços ecopedagógicos coletivos..... 4

2.7. Dos deveres dos membros..... 5

2.7.1. Critérios de participação..... 6

2.7.2. Da associação ao clube ecológico..... 6

2.7.3..... 6

3. CLÁUSULA QUARTA: Sobre a Gestão Compartilhada..... 6

3.1. do modelo de gestão financeira das moradas..... 6

3.2. do modelo de gestão atividades coletivas..... 6

3.2.1. do processo de tomada de decisão coletiva..... 7

4. CLÁUSULA TERCEIRA: Sobre os Acordos Coletivos de convivência..... 8

5. CLÁUSULA QUARTA: Sobre o Banco de Horas e Moeda Sustentar..... 9

6. CLÁUSULA QUINTA: Sobre o recebimento de voluntários ou hóspedes em imersão..... 10

2.6. Dos espaços ecopedagógicos coletivos

Espaços ecopedagógicos coletivos, podendo ser fomentados por empreendimentos individuais para geração de renda, terão acompanhamento do guardião frente de trabalho, e devem receber o cuidado de um zelador (morador ou voluntário em imersão). Para o desenvolvimento de eventos (programas e atividades: voluntariado, visitas ecopedagógicas, cursos, oficinas, vivências, práticas etc), deve ser alinhado com a Frente de Comunicação.

ESPAÇOS PEDAGÓGICOS COLETIVOS	QUEM / TEMPO	DESCRIÇÃO/OBJETIVOS	ROTINAS / FLUXO DE ATIVIDADES	DEMANDA DE TEMPO DA ROTINA BÁSICA
Abriço dos animais domésticos	Thadeu	zelar pela saúde dos animais e do amparoamento dos insumos e alimentação adequada dos animais (cão e gato)	alimentar duas vezes por dia e banho e toada, limpeza sanitária, semanalmente, banho de água com vinagre de maçã, semanalmente, se necessário (observação de parâmetros): sintomática	1h
Galinheiro		zelar pela saúde e bem-estar dos animais, auto-abastecimento e manejo animal nas áreas de cultivo	manter água fresca e potável sempre observação das condições gerais de limpeza e sinais de saúde das galinhas	
Cozinha Comunitária		(planejamento e gestão da alimentação saudável/natural)		
Banheiros Comunitários				
Vivendo		gera muito pelo o site e para venda		
Compostagem, melhoria do solo ou biogás				
Horta, abastecimento ou cultivo coletivo.	Thadeu			
Agrofloresta		promoção da regeneração e produção de alimentos.		
Abelhas (api e meliponias)	Bruno			
Áreas gramadas e jardins		mapear e manter as gramadas e jardins das áreas coletivas		
Água, eletricidade e oficinas				

ATIVIDADES DA FRENTE DE GOVERNANÇA E COMUNIDADE:

- Documentar as Reuniões Encaminhadas e Deliberativas
- Acompanhar a Frente Econômica e Jurídica
- Organizar Drive, Responder Emails e Contatos Institucionais
- Articular Parcerias Formais, Informais e Não Formais
- Mediar Situações em Conselhos Consultivos e Externos

Fonte: Benetton (2024).

Para contextualizar o recorte dos fatos e direcionar a escolha dos conteúdos, foram agrupados temas pelo critério de palavras ou frases que remetesse às categorias analíticas, demonstrando a relevância do documento. Um exercício colaborativo de modo online e presencial em que narrativa documental apontou objetivamente caminhos pedagógicos pelo validando de argumentos advindos da inteligência coletiva na criação dos alicerces.

Cada encontro elaborativo tinha um caráter formativo das dinâmicas em círculos, ao gerarem conhecimento pelos ciclos do diagnosticar, planejar, intervir, avaliar e voltar a refletir da pesquisa ação descrito na figura I. A diversidade de interpretações era uma riqueza como também um desafio ao consenso, se fazendo necessário diversos encontros e técnicas para maturar as ideias no mapeamento de informações que mostrasse caminhos viáveis.

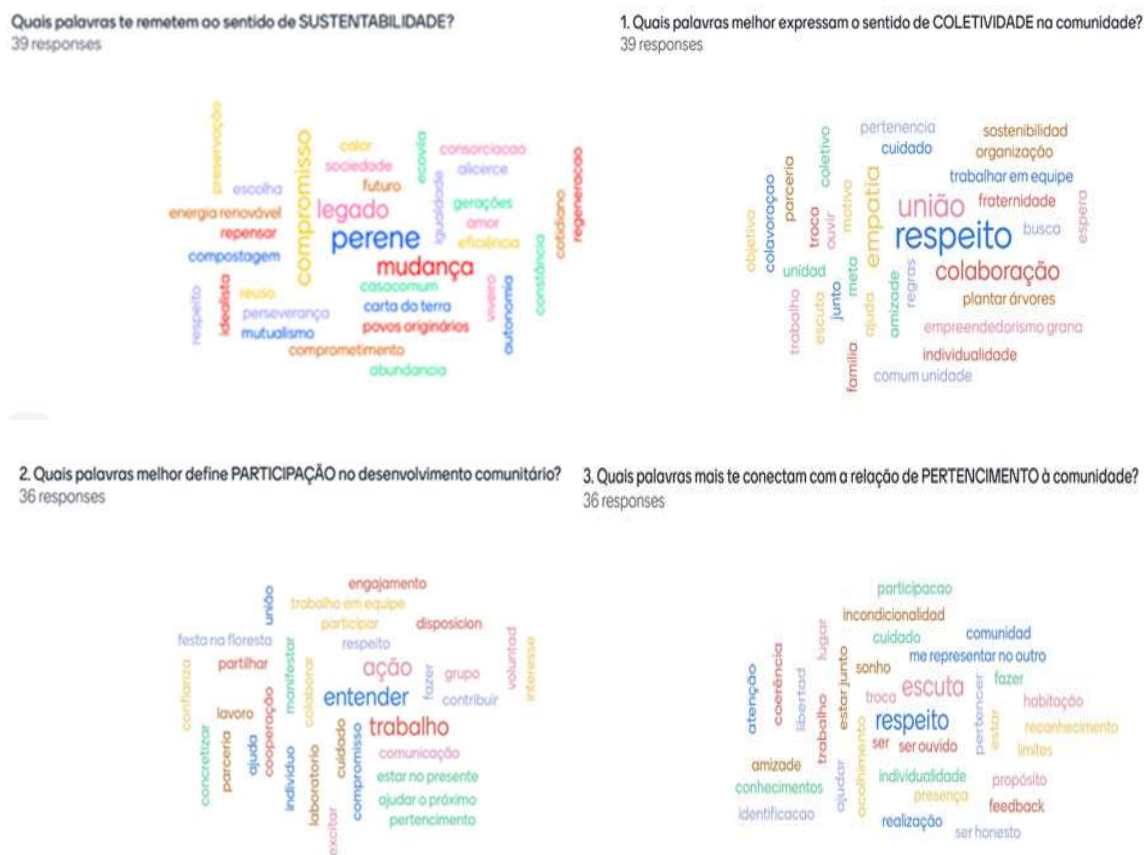
e) Nuvem de palavras:

Para validar a seleção das categorias, foi realizado um exercício da Nuvem de Palavra

(Figura XII) em que os membros e moradores da comunidade puderam discriminar o sentido de SUSTENTABILIDADE, COLETIVIDADE, PARTICIPAÇÃO e PERTENCIMENTO. A aplicação se deu em uma dinâmica participativa no pertencimento do coletivo aos ciclos da pesquisa em uma atividade de círculos de cultura formativa na Oficina de Planejamento Participativo anual.

O diferencial do recurso é que quanto mais se interagiu mais preciso se tornava a análise do algorítmica, na qual a quantidade de respostas apontava para tendências da comunicação visual em formatos identificáveis pela frequência, pelas cores e tamanho das palavras agrupadas pelo sentido semântico e contextual das categorias.

Figura XII: Nuvens de palavras projetadas que representassem Sustentabilidade, Coletividade, Participação e Pertencimento para o coletivo.



Fonte: elaborada com a ferramenta Mentimeter (Benetton, 2024).

Nesse processo, buscou-se a compreensão das respostas individuais pelo conjunto

criado pela nuvem ao conceituar e avaliar o entendimento de cada participante a cada categoria, dando forma as palavras mais representativas e convergindo os dados em quadros interpretativos. O recurso, como artifício suplementar do método de análise de conteúdos, ofereceu distanciamento suficiente para reduzir possíveis viesamentos do observador participante e empodera o coletivo como produtor da pesquisa.

Conclusões

No reconhecimento de um período de transição de ciclos históricos, a educação tem o papel fundamental na superação de modelos dominadores, pelo potencial de sensibilização na formação de atores conscientes e ativos. Faz-se necessário uma educação ambiental na qual a preocupação não esteja apenas na preservação ou na mitigação do impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais, mas em um novo modelo sustentável do ponto de vista das estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais.

A idealização de sociedades sustentáveis aspira a um novo projeto de mundo voltado para o empoderamento das diversidades, na qual o reconhecimento de experiências comunitárias pode desenvolver as potencialidades locais. Embriões de uma nova visão de societária, as narrativas geradas pelas comunidades apontam caminhos na melhoria da qualidade socioambiental, ao criarem um ambiente saudável para morar, trabalhar e prosperar harmonicamente de maneira responsável.

As comunidades sustentáveis se destacam por encorajar formas solidárias de se relacionar e agir no mundo, ao indicar caminhos práticos de conscientização e participação social, no desenvolvimento de espaços que sejam educadores pela autogestão e organização coletiva. Reconhecidas como laboratórios vivos, promovem a educação pela práxis comunitária, ao minimizar impactos negativos, resgatar valores tradicionais com tecnologias inovadoras, promover metodologias regenerativas e estruturas educadoras.

Nesse olhar, a vivência comunitária pode enfatizar a importância da participação individual para a transformação social, ao superar a fragmentação dos saberes e fortalecer os vínculos de pertencimento ao território na construção coletiva do bem comum. Em que, ressalta-se o reconhecimento da coletividade para um pertencimento ao meio ambiente,

pela ampliação das oportunidades endêmicas para ações participativas de um desenvolvimento local preocupado com a sustentabilidade global.

Este estudo, diante a tantos desafios e adversidades estruturais, buscou colaborar para o compartilhamento de conhecimentos entre o tradicional e científico no objetivo de apontar caminhos para fortalecer comunidades e movimentos em consonância com a sustentabilidade. Ao apontar a importância dos sentidos de pertencimento, coletividade e participação na vivência comunitária, na consolidação de espaços que sejam educadores, no resgate e desenvolvimento de práticas comprometidas com outro paradigma de sociedade.

Em síntese, contribuiu para o reconhecimento de técnicas e métodos emancipadores, ao adequar teorias implícitas para uma prática relacional entre fins e meios educacionais, visando à construção diversificada de mundos. O trabalho persiste na busca por um entendimento mais profundo, estimulando futuras pesquisas e aplicações práticas no cenário de transição para alternativas societárias democráticas, igualitárias e diversas.

A partir da avaliação sistêmica dos dados e das situações vivenciadas no desenvolvimento comunitário, verificou-se a interdependência entre as categorias, como processo em construção e não produto conclusivo. Para esta pesquisa, são os processos educadores os catalisadores da transformação do indivíduo pelo exercício coletivo, em que a produção do conhecimento é consequência dessa interação em um cotidiano ecopedagógico da vivência comunitária.

Referências

BATTAINI, V.; SORRENTINO, M. Educação ambiental local e global: políticas públicas e participação social em Fernando de Noronha. SIPS – Pedagogía Social. **Revista Interuniversitária**, Salamanca, n. 36, p. 49-61, 2020.

BELLEZE, G.; BERNARDES, M. E. C.; PIMENTA, C. A. M.; NUNES JÚNIOR, P. C. Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: Uma análise comparativa. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, p. 223-238, 2017.

BENETTON, L. G. **A construção de uma ecovila como processo educador: um olhar para as ecopedagogias**. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 167, 2024.

DIAS, M. A.; LOUREIRO, C. F.; CHEVITARESE, L.; SOUZA, C. de M. Os sentidos e a relevância

das Ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, v. XX, n. 3, p. 81–88, 2017.

DIEGUES, C. F. **Sociedades e comunidades sustentáveis**. São Paulo: USP, 2003.

GADOTTI, M. **Educar para a Sustentabilidade: uma contribuição da década para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, M. **A Carta da Terra na Educação**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, Cortez, 2000.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Dados Históricos da Formação Administrativa do município de Embú-Guaçu». Consultado em 22 de fev. de 2020 <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/embu-guacu/panorama>

KUNZE, I. Social innovations for communal and ecological living: lessons from sustainability research and observations in intentional communities. **Communal Societies: Journal of the Communal Studies Association**. V. 32, N. 1, 2012.

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e aplicação de conhecimentos. *In*: PHILIPPI, *et al.* **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia e Inovação**. Cap. 2. 2011. p. 69-105.

MATAREZI, J. Estruturas e espaços educadores. *In*: FERRARO-JR, L. A. (coord). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Diretoria de Educação Ambiental, Ministério do Meio Ambiente. Brasília: MMA, 2005. p. 159-174.

MORAIS, S. F.; DONAIRE, D. Comunidades intencionais: um estudo sobre dimensões da sustentabilidade em ecovilas paulistas. **South American Development Society Journal**, v. 5, n. 14, p. 326, 2019.

ROYSEN, R.; ARRUDA, B. M.; FERREIRA, R.; FONSECA, R. A. A.; ALVARENGA, M. A. A.; DUARTE, L. G. M. F. Zonas de Agroecologia e Ecovilas: uma proposta para os planos diretores municipais. **Sustentabilidade: Diálogos Interdisciplinares**, v. 2, p. 1-15, 2021.

SIMAS, A. C. B. F. **Comunicação e Diferença: estratégias de comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. Tese de Doutorado em Comunicação Social, ECO / UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

THIOLLENT, M.; GENEROSA de O. S. **Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais**. Programa de Engenharia da COPPE. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Rev. Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, 2010.

TROVARELLI, R.; BATTAINI, V.; SORRENTINO, M. A transição para sociedades sustentáveis: uma abordagem a partir de processos educadores. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 16, n. 1, p. 52-68, 2021.

Submetido em: 14-07-2024

Publicado em: 21-12-2024